

ESPÉCIES ALIMENTÍCIAS NATIVAS DA REGIÃO NORDESTE

EURICO EDUARDO PINTO DE LEMOS¹, RICARDO ELESBÃO ALVES², NUNO RODRIGO MADEIRA³

A Região Nordeste é detentora de grande biodiversidade devido à sua privilegiada localização tropical, com grande amplitude de clima e relevo. A região engloba quatro dos mais importantes biomas brasileiros: a Floresta Amazônica, na metade oeste do Maranhão; o Cerrado, em partes significativas no leste do Maranhão, sul do Piauí e oeste da Bahia; a Caatinga, como principal bioma, ocupando toda a parte central da região, que engloba todos os estados nordestinos, a exceção do Maranhão; e a Floresta Atlântica, na sua borda leste, desde o Rio Grande do Norte até o sul da Bahia. Além disso, são importantes também os ecossistemas de transição entre todos esses biomas (ecótonos), os ecossistemas de influência marinha, fluvial e lagunar, bem como os brejos de altitude ocorrentes dentro de cada um dos biomas acima citados. Toda essa variedade de clima, relevo e solos, incluindo suas interfaces regionais, produzem condições únicas, com endemismos marcantes ou tipos de vegetação compartilhados com outras regiões.

Dentre as plantas com potencial alimentício nativas da região destacam-se algumas fruteiras conhecidas também em outras regiões brasileiras, a exemplo da pitanga, da mangaba e do pequi, além de outras que são de conhecimento regional mais restrito e consumidas apenas em alguns estados, caso do bacuri, cambuí, biribá e murici. Porém, todas elas apresentam grande potencial de expansão para novos mercados, desde que sejam estabelecidas

políticas de incentivo à pesquisa, informação sobre técnicas de propagação e cultivo, processamento e comercialização. O adequado estabelecimento de uma política de incentivo e divulgação desses alimentos lhes darão maior visibilidade estimulando à demanda e, conseqüentemente, a possibilidade de aumentar também a oferta através de uma cadeia produtiva minimamente organizada.

Negligenciar e subutilizar esse recurso tão importante para a segurança alimentar do Brasil é perigoso, pois existe o risco de avanço da degradação ambiental nos locais de ocorrência natural das populações vegetais, com conseqüente erosão genética e perda de populações ou, até mesmo de espécies. Além disso, o desconhecimento do potencial das espécies alimentícias nativas, tanto as frutas quanto as hortaliças, limita significativos ganhos nutricionais, ecológicos, sociais e econômicos potenciais, advindos do seu cultivo, consumo e comercialização (Ferreira et al., 2005). Embora existam muitos estudos e uma bibliografia considerável a respeito das frutas nativas, a grande maioria ainda permanece desconhecida do grande público.

A maioria das plantas alimentícias nativas tem a sua exploração baseada quase que exclusivamente no extrativismo nas áreas de ocorrência natural. Algumas, consideradas "mais nobres" são cultivadas aleatoriamente em chácaras e quintais, sem que sejam de fato domesticadas. As tecno-

¹ Eng. Agrônomo. Universidade Federal de Alagoas

² Eng. Agrônomo. Embrapa Agroindústria Tropical

³ Eng. Agrônomo. Embrapa Hortaliças

logias de cultivo e produção para a maioria dessas espécies inexistem ou são ainda muito incipientes. Apesar dos avanços tecnológicos ocorridos nas últimas décadas, muitas destas espécies nativas, tradicionalmente utilizadas pela população local, ainda não foram inseridas no contexto do agronegócio brasileiro. Isto decorre em função de aspectos socioculturais, forma de exploração extrativista, falta de tecnologias, cadeia produtiva incipiente ou mesmo pelo desconhecimento relativo às possibilidades de aproveitamento de todo esse potencial (Agostini-Costa et al., 2010). O grande desafio das espécies autóctones envolve a pesquisa, a produção e a comercialização, onde esforços pontuais estão aprimorando o conhecimento e possibilitando o avanço deste novo mercado (Ferreira et al., 2005).

Na Região Nordeste são conhecidas mais de 100 espécies de frutas nativas com potencial para exploração econômica ou ecológica. Convém lembrar que a riquíssima fauna regional também tem a sua sobrevivência atrelada à distribuição de muitas fruteiras nativas. São pássaros, roedores, macacos, morcegos e tantos outros com dieta dependente, em maior ou menor grau, de muitas espécies de frutas nativas da região. Na alimentação humana, os sabores intensos, inconfundíveis e sofisticados dessas frutas impõem a sua presença na culinária regional, inclusive, atravessando fronteiras de um mundo ávido por novos sabores. No entanto, mesmo o mercado apresentando grande demanda por estes novos sabores, na maioria dos casos, a produção local ou regional não é suficiente para suprir essa demanda, por falta de tecnologias de produção, pós-colheita e processamento (Ferreira et al., 2005). Essas frutas podem ser aproveitadas de forma in natura ou processadas para a produção de sucos, polpas, geleias, licores, sorvetes e uma infinidade de outros produtos. Muitas ainda possuem um

grande potencial na produção de fármacos, produtos nutracêuticos e aromas para alta gastronomia. Algumas ainda possuem uma beleza singular, sendo importantes também como ornamentais, tanto no paisagismo quanto na produção de bonsais (Lorenzi et al., 2015).

Neste trabalho, o termo 'plantas alimentícias' é empregado para designar espécies vegetais nativas da Região Nordeste produtoras de frutas e folhas utilizadas na alimentação humana na forma natural, processada ou cozida. Serão descritas, na sequência deste capítulo, vinte espécies, tradicionalmente utilizadas pela população na alimentação e que apresentam potencial econômico para usos mais abrangentes. No grupo das fruteiras nativas são descritas quinze espécies de uso atual na região (Tabela 1). Além delas, outras cinco plantas apresentam interessante potencial por já serem bastante consumidas como hortaliças e, assim, foram também selecionadas para este trabalho (Tabela 1). Quatro espécies são principalmente fornecedoras de folhas: ora-pro-nobis (*Pereskia aculeata*), beldroega (*Portulaca oleracea*) e duas espécies de major-gomes (*Talinum paniculatum* e *T. triangulare*), além da fisá-lis, uma espécie que produz frutos comestíveis, que pode ser considerada hortaliça ou fruta de ciclo curto. Essas plantas são desconhecidas da maioria da população ou são, por vezes, familiares, por serem de ocorrência comum na região, mas que são ignoradas e acabam sendo subutilizadas. Divulgar e explorar a riqueza nutricional dessas plantas pode contribuir para a ampliar a diversidade alimentar da população com produtos fáceis, rústicos e naturais, auxiliando na preservação do meio ambiente e melhorando a renda de produtores rurais.

As espécies que compõem este capítulo foram priorizadas após diversos debates, primeiramente, entre especialistas,

professores, pesquisadores, agrônomos, biólogos e, posteriormente, também com a participação de empresários, produtores rurais e estudantes, que culminou com a realização de um Seminário Regional, ocorrido em Recife-PE. Participaram da elaboração deste capítulo professores, pesquisadores e especialistas de várias instituições públicas e privadas do Nordeste e de outras regiões do país. Os principais critérios utilizados foram a condição de serem nativas da Região Nordeste, de acordo com a Flora do Brasil (Flora do Brasil, 2018), serem utilizadas como plantas comestíveis e possuírem potencial econômico significativo para cultivo imediato ou futuro.

Os pesquisadores autores dos portfólios de cada uma das espécies realizaram uma ampla revisão bibliográfica em todos os meios disponíveis, bem como visitas técnicas em áreas de produção e ocorrência natural. Foram feitas entrevistas, coletas de dados e fotografias de campo e laboratório para compor um grupo de portfólios em que constam uma série de informações para conhecimento e divulgação de cada espécie estudada. Os portfólios são compostos por uma série de informações básicas, que são: nome científico, características botânicas, distribuição geográfica, habitat, uso econômico atual ou potencial, partes utilizadas, aspectos ecológicos, manejo agrônomo, propagação, experiências relevantes com a espécie, situação de conservação da espécie e perspectivas e recomendações.

As espécies inicialmente listadas incluíam um número superior a 100, mas foram sendo priorizadas pelo potencial econômico e pela possibilidade de alcançarem o status de espécies cultivadas, a curto ou médio prazo. Dessa forma, as espécies inicialmente listadas foram reunidas em três grupos de prioridades baixa, média e alta. Alguns critérios adotados para a escolha das listas possuíam um certo grau de subjetivi-

dade, onde se considerou a tradição popular no seu uso. Todavia, os principais critérios adotados para a seleção das espécies de alta prioridade que compõem este capítulo, envolveram a questão mercadológica, em que se avaliou se a espécie tem uma demanda comercial contínua ou periódica em, pelo menos, parte da região onde ela é mais abundante; o valor de mercado quando disponível, e a possibilidade de agregação de valor ao produto quando processado. Dessa forma, as 15 espécies de fruteiras e as 5 hortaliças indicadas como prioritárias e que fazem parte deste capítulo foram enquadradas no critério do valor comercial já existente ou potencial, evidenciado na sua forma fresca ou processada.

Este trabalho faz parte da Iniciativa Plantas para o Futuro, coordenada pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA) e que tem como objetivo buscar e sistematizar informações sobre as diferentes categorias de uso de plantas nativas e suas potencialidades econômicas imediatas e futuras, nas cinco regiões geopolíticas do Brasil. Este capítulo tem como escopo relacionar, descrever e ilustrar plantas com potencial alimentício nativas da Região Nordeste do Brasil (Maranhão/MA, Piauí/PI, Ceará/CE, Rio Grande do Norte/RN, Paraíba/PB, Pernambuco/PE, Alagoas/AL, Sergipe/SE e Bahia/BA), com vistas a subsidiar pesquisas futuras e promover seu uso real e sustentável. Considerando as características individuais de cada espécie e do estabelecimento de políticas públicas eficazes de incentivo à pesquisa e exploração econômica, esse potencial pode se expandir do mercado local e atingir mercados regionais, nacionais e internacionais.

As espécies alimentícias nativas apresentam como grande vantagem, a sua adaptação aos diferentes tipos de clima e solos e são menos dependentes em insumos químicos para o seu cultivo, o que

TABELA 1 - Espécies alimentícias priorizadas pela iniciativa Plantas para o Futuro para cultivo e exploração na Região Nordeste e para as quais foram elaborados portfólios

Nome científico	Família botânica	Nome popular
<i>Annona mucosa</i> Jacq.	Annonaceae	Biribá
<i>Byrsonima crassifolia</i> (L.) Kunth.	Malpighiaceae	Murici
<i>Byrsonima verbascifolia</i> (L.) DC.	Malpighiaceae	Murici
<i>Caryocar coriaceum</i> Wittm.	Caryocaraceae	Pequi-branco
<i>Eugenia uniflora</i> L.	Myrtaceae	Pitanga
<i>Genipa americana</i> L.	Rubiaceae	Jenipapo
<i>Hancornia speciosa</i> Gomes.	Apocynaceae	Mangaba
<i>Mauritia flexuosa</i> L.f.	Arecaceae	Buriti
<i>Myrciaria floribunda</i> (H.West ex Willd.) O.Berg.	Myrtaceae	Cambuí
<i>Passiflora cincinnata</i> Mast.	Passifloraceae	Maracujá-da-caatinga
<i>Pereskia aculeata</i> Mill.	Cactaceae	Ora-pro-nobis
<i>Physalis pubescens</i> L.	Solanaceae	Fisális
<i>Platonia insignis</i> Mart.	Clusiaceae	Bacuri
<i>Portulaca oleracea</i> L.	Portulacaceae	Beldroega
<i>Psidium guineense</i> Sw.	Myrtaceae	Araçá
<i>Spondias bahiensis</i> P. Carvalho, Van den Berg & M. Machado	Anacardiaceae	Umbu-cajá
<i>Spondias mombin</i> L.	Anacardiaceae	Cajá
<i>Spondias tuberosa</i> Arruda	Anacardiaceae	Umbu
<i>Sterculia striata</i> A.St.-Hil. & Naudin	Malvaceae	Chichá
<i>Talinum paniculatum</i> (Jacq.) Gaertn.	Portulacaceae	Major-gomes
<i>Talinum triangulare</i> (Jacq.) Willd.	Portulacaceae	Major-gomes

resulta menor custo de implantação e manutenção do pomar. Também são consideradas importantes fontes de recursos para as comunidades tradicionais e os agricultores familiares. Tendo em vista a baixa remuneração e o baixo poder aquisitivo de muitos agricultores familiares da região, torna-se necessário identificar novas opções que permitam, ao mesmo tempo, melhorar o padrão e a qualidade de vida, com a geração de emprego e renda para as comunidades. As espécies nativas consideradas prioritárias identificam-se perfeitamente com o perfil da pequena propriedade rural de base familiar, podendo, entretanto, ser

cultivadas também em larga escala, conforme a intensidade da demanda apresentada pelo mercado.

Desta forma, considerando a relevância destas espécies nativas da Região Nordeste e o atual estado da arte da pesquisa, sugere-se aos órgãos de fomento à pesquisa direcionarem recursos financeiros e incentivos a projetos que proponham o aprimoramento do conhecimento técnico-científico dessas espécies nativas consideradas prioritárias no âmbito da iniciativa Plantas para o Futuro. Além disso, considera-se também de fundamental importância



a inserção destas espécies nativas em políticas públicas, bem como a maximização do uso de recursos financeiros e econômicos na condução de trabalhos em redes, com a participação de equipes multidisciplinares e multi-institucionais.

REFERÊNCIAS

AGOSTINI-COSTA, T.S.; SILVA, D.B.; VIEIRA, R.F.; SANO, S.M.; FERREIRA, F.R. Espécies de maior relevância para a Região Centro-Oeste. In: VIEIRA, R.F. et al. (orgs). **Frutas nativas da Região Centro-Oeste do Brasil**. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica. 2010.

FERREIRA, E.G. et al. Fruteira. IN: SAMPAIO, E.V.S.B.; PAREYN, F.G.C.; FIGUEIROA, J.M.; SANTOS-JUNIOR, A.G. **Espécies da flora nordestina de importância econômica potencial**. Recife: Associação Plantas para o Nordeste. 2005.

FLORA DO BRASIL. **Flora do Brasil 2020 em construção**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < <http://flora-dobrasil.jbrj.gov.br/> >. Acesso em: 23 Fev. 2018.

LORENZI, H.; LACERDA, M.T.C.; BACHER, L.B. **Frutas do Brasil: nativas e exóticas**. São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos da Flora. 2015.